

Escola de Artes Visuais do Parque Lage
Curadoria de Ensino e Programas Públicos

seminário e performances

LUTA E PRAZER

realização:

Escola de Artes Visuais do Parque Lage, Oi Móvel e Oi Futuro + Labsônica

Data:

28 de abril de 2022, quinta-feira
14h às 20h

Local:

Salão Nobre
Escola de Artes Visuais do Parque Lage
Rua Jardim Botânico, 414 – Jardim Botânico, Rio de Janeiro
+ canal do YouTube EAV Parque Lage

A Escola de Artes Visuais do Parque Lage (EAV Parque Lage) tem o prazer de anunciar a primeira edição do seminário Luta e Prazer, em cocuradoria com Oi Futuro, resgatando em seu passado possibilidades para um futuro alegre e colaborativo, sugerindo conexões que extrapolam o campo das tecnologias – busca-se uma política de alianças, encontros, diálogos

Fundada em meio à Ditadura Militar no Brasil (1964-1985), a EAV Parque Lage apresentava-se publicamente, desde sua fundação, em 1975, como uma "escola livre", desviando dos academicismos, escapando do aprisionamento colonial presente na ideia das "Belas Artes" ao assumir o termo Artes Visuais em seu nome. Ao longo das últimas décadas perguntar sobre o que é liberdade e quais as maneiras de provocarmos movimentos desierarquizantes que possam provocar dinâmicas de ensino realmente emancipadoras, condizentes com os desafios de nosso tempo, tornou-se uma prioridade. Neste sentido, após um seminário que perguntou-se sobre o que eram Emergência e

Resistência hoje após a experiência de 1978, a partir das pedagogias radicais latino-americanas, retomaremos outros termos que deformaram a história desta Escola para, mais uma vez, perguntamo-nos: **O que é – ou o que pode ser – uma escola de arte livre hoje?** Certos de que nossos funcionamentos e práticas institucionais não têm todas as respostas para tais perguntas, num gesto de colaboração institucional, Oi Futuro e Parque Lage convidam uma série de **agentes culturais que experimentam modelos alternativos de ensino e radicais modelos de alianças entre os corpos**. Luta e Prazer é realizado em cocuradoria, com o objetivo não apenas de ensinar, mas sobretudo aprender: aventar novas possibilidades institucionais atentas e, com sorte, sensíveis à preocupante realidade brasileira.

Por que "Luta e Prazer"?

Resgatando a experiência do simpósio "Políticas do Corpo", realizado durante a Semana Santa, há mais de quatro décadas, em 1981, nas dependências da EAV Parque Lage, pela revista *Rádice - Luta e Prazer*, retomamos as palavras **LUTA** e **PRAZER** para levantar discussões urgentes e contemporâneas sobre políticas de alianças, possibilidades de encontro e diálogo, manifestações culturais do prazer exorbitante e da resistência imprescindível para agir desde o campo das artes e da cultura.. Urge compreender que ferver é luta, sim. O desbunde dos corpos e corpos é uma das questões mais pertinentes para a política contemporânea: rejeitar a imposição da melancolia que subalterniza as diferentes formas de vida. Com o corpo na centralidade de nossas discussões, comemorar torna-se um dispositivo estratégico para reunir indivíduos singulares – fazer política também por meio da celebração daquilo que é vivo.

Reunimos neste seminário indivíduos que, por meio de suas práticas de investigação e criação, convidam-nos à reunião nos espaços públicos compreendendo as cidades e suas diversas instituições como lugares para exercitar a potência política do gozo e da resistência. Se a melancolia rege a ordem do dia no sistema capitalista neoliberal, seus efeitos tornam-se ainda mais evidentes após dois anos de separação entre os corpos. Por meio do corpo, experimentaremos a alegria e o 'estar junto' como antídoto especulado para as mazelas que nos cercam.

Nestas discussões expandiremos o que versamos como pedagogia: entenderemos como nos barracões, discotecagens, protestos, blocos de rua e demais aglomerações exercitam-se a transmissão de conhecimentos insurgentes, insubordinados e indisciplinados. Abrir espaço para discussões sobre o ensino por meio das aprendizagens cotidianas, das oralidades, das coreografias partilhadas e das coletividades que urgem ser construídas.

Programação:

Direito ao prazer

14h - 15h15

O reconhecimento de nossos corpos como campos de batalha para as lutas e conquistas dos movimentos sociais não deve apagar outra faceta igualmente importante em nossas conquistas: pensar e exercer com esses corpos podem ser produtores de experiências eróticas, de prazer. O direito ao gozo, à liberdade e à alegria como vetor potente e importantes para uma sociedade mais justa, que reconheça o direito de experimentar a vida por meio de corpos livres e emancipados de lugares estanques na sociedade.

Mesa conduzida por **Felipe Kremer Ribeiro**, *autor da tese "Ruminações: diagramas da arte de performance entre o prazer e a resistência"*

com a participação de

Aleta Valente, artista visual, ex-aluna da EAV Parque Lage [remoto]
Amara Moira [remoto]

Amor como método

15h30 - 16h45

Uma política que passe pelo cuidado de si e da sua comunidade e economias alternativas de afetos reorganizaram os modelos extrativistas e coloniais de relação social. Como podemos cogitar maneiras mais nutritivas e sinceras de construir nossas relações íntimas e políticas? Como me percebo responsável por dar forma ao mundo e aprender com ele?

Mesa conduzida por **Keyna Eleison**, curadora, pesquisadora, narradora griot e diretora artística do MAM-RJ [remoto]

com a participação de

Geni Núñez – Escritora. Guarani, anticolonial. Psicóloga, mestre em Psicologia Social, doutoranda(UFSC). "Contra toda monocultura". [remoto]

Fervo é luta: "sin perreo no hay revolución"

17h - 18h15

Uma resposta à melancolia que é posta na ordem do dia pelos neoliberais: as festas, os encontros e as várias formas de união e celebração encontram as forças das multidões e das diversidades. O que as instituições têm a aprender com os saberes que se apresentam incorporados nas ruas e intensificados pela alegria? Perceber modelos mais convidativos e acolhedores de reunião das pessoas — não apenas para protestar suas denúncias, mas celebrar sua potências de vida.

Mesa conduzida [remota] por **Gibran Teixeira Braga**, autor da tese "*O musicar clubber: corpo e subjetividades em cenas de música eletrônica underground de São Paulo e Berlim*"

com a participação de

Leonardo Moraes, Diretor de Ações Educativas da **BATEKOO**

Marta Supernova [ASA]

Mariela Scafati, artista e membro do **Colectivo Serigrafistas Queer**

[remoto]

Performances sonoras

18h15 às 20h

com a participação de

Pode (à confirmar)

Glau Tavares

Por que Alair Gomes?

Para compor o universo deste evento, voltamos nossa identidade visual à produção poética de um ex-professor da EAV Parque Lage, Alair Gomes, um dos maiores expoentes da fotografia brasileira – sobretudo aquela de cunho artístico, intensamente subjetiva. No ano de 2022 o artista completa seu centenário de nascimento e os usos das imagens deste artista tornam-se um reconhecimento dos caminhos outrora traçados por uma linguagem homoerótica por um dos vários grandes professores que a EAV tem em seu presente e passado. Nosso desejo é mirar novamente estas imagens a partir de uma pulsão queer: perceber também a intensa admiração pelas formas humanas, por aquilo que é vivo, pelo que causa desejo – mesmo que proibido pela ordem social vigente. Para além dos corpos esguios, conformados às normas da branquitude, estes indivíduos estavam majoritariamente conectados à geopolítica excludente da Zona Sul – da qual esta Escola faz parte –, revelam também a potência de desejos invisibilizados e silenciados.

Alair Gomes nasceu em Valença, RJ, em 1921, e morreu na cidade do Rio de Janeiro, em 1992. Formado em Engenharia Civil e Eletrônica, em 1944, abandonou a profissão para se dedicar à crítica de arte e ao estudo da filosofia da natureza, da física, da matemática, da biologia e da neuropsicologia. Alair teve papel determinante na afirmação da fotografia como expressão artística ao criar e coordenar a Área de Fotografia da Escola de Artes Visuais do Parque Lage, no Rio de Janeiro, entre 1977 e 1979, onde também atuou na área de Filosofia da Arte.

“Uma escola de arte livre é uma escola onde podemos mudar os nossos nomes e onde o conhecimento se produz a partir de usos do corpo. Uma escola de arte livre tem a urgência de romper com o lugar privilegiado que a subjetividade masculina e patriarcal manteve na construção das narrativas. Nessa escola todas nós falamos usando o pronome feminino. Essa escola funciona basicamente por meio dos movimentos do desejo, porque seu papel principal é redefinir radicalmente os nossos horizontes de ação e compromisso. Uma escola de arte livre é um projeto de uma vida compartilhada, uma política do afeto, da coletivização dos recursos de imaginação coletiva. Essa escola é sempre um projeto feminista, cuja ética nos ajuda a sonhar com histórias diferentes: relações sociais sem hierarquias, corpos sem rótulos, novas coreografias amorosas, modelos alternativos de família, um contrato social mais igualitário de espécies, uma nova economia do cuidado. Uma escola de arte livre é uma rede de colaboração de corpos frágeis”.

Miguel López, crítico de arte em "O que é uma escola livre?", Editora Cobogó, organizado por Lisette Lagnado, na ocasião dos 40 anos da EAV Parque Lage